

“PARA TRÁS DA SERRA DO MIM”

*Leyla Perrone-Moisés**

RESUMO

Prosseguindo o trabalho que tenho desenvolvido acerca do lugar do inconsciente na obra rosiana, esta comunicação trata do lugar dos “loucos”. As personagens de “Nenhum, nenhuma” e “Lá, nas campinas”, por mim estudados anteriormente, manifestam uma perturbação nas relações de seus eus atuais com lembranças obsessivas de lugares lembrados (relações neuróticas). Em outros contos, encontramos personagens que sofrem uma perturbação nas relações de seus eus com o mundo exterior, ou social (relações psicóticas). Pretendo analisar o modo como Guimarães Rosa desenvolve essa “tópica da loucura” nos seguintes contos: “Sorôco, sua mãe, sua filha”, “A terceira margem do rio” e “Darandina”.

Palavras-chave: Lugares da memória; Neuroses; Sociedade; Psicoses.

Na obra de Guimarães Rosa, além dos lugares físicos e metafísicos bem estudados pela crítica, são referidos alguns lugares que não são nem físicos, nem metafísicos (não pertencem nem à geografia, nem a um suposto mundo sobrenatural), nem totalmente inventados, nem apenas lembrados (não pertencem à imaginação ou à memória consciente). Esses lugares, que chamei de “nenhures”, têm vários traços daquilo que Freud revelou e explorou sob o nome de inconsciente.

No conto “Nenhum, nenhuma” (**Primeiras estórias**), trata-se do lugar dos “irreversos grandes fatos” da infância, que o narrador tenta arrancar das névoas criadas por um longo tempo de recalque. No conto “Lá, nas campinas...” (**Tutaméia**), trata-se de um lugar perfeito, o “nenhum lugar antigamente”, lembrança obsessiva que atormenta o protagonista e o impede de viver a vida imperfeita da realidade.¹

* Universidade de São Paulo.

¹ Tratei desse assunto em dois artigos: 1) “Nenhures: considerações psicanalíticas à margem de um conto de Guimarães Rosa”, in **Colóquio Letras**, n 44, Lisboa, Fundação Gulbenkian, 1978, republicado em meu livro **Flores da escrivania**, São Paulo, Companhia das Letras, 1990; 2) “Nenhures 2: ‘Lá, nas campinas’”, comunicação apresentada no I Seminário Internacional Guimarães Rosa, Belo Horizonte, PUC Minas, agosto de 1998, publicado em meu livro **Inútil poesia**, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

No conto “A menina de lá”, que apresenta uma personagem alheada do mundo circundante, a ação se passa num lugar designado como “para trás da Serra do Mim”. A condição da menina fica indefinida entre a debilidade mental e uma paranormalidade sobrenatural, e por isso o conto não se presta a uma leitura inspirada na psicanálise. O lugar “para trás da Serra do Mim”, entretanto, serviria também para designar aquele em que se passam os contos anteriormente referidos, estórias em que o “mim” das personagens está às voltas com um “lugar” enevoado, de acesso difícil ou interdito. De modo recorrente, quando o escritor se refere a esse “lugar” psíquico, onde agem a memória involuntária e o desejo, ele o qualifica como “nenhum”, e usa, como metáfora, o outro lado de uma paisagem montanhosa. Em “Nenhum, nenhuma”, as lembranças estão “fugindo, atrás de serras e serras”. Em “Lá, nas campinas...”, o lugar sonhado está “na infinição, a serra de atrás da serra”.

O que tenho perseguido, na obra de Guimarães Rosa, é algo que se relaciona com a “tópica psíquica” definida por Freud em sua fase final, a da **Metapsicologia**. O conceito freudiano de “localidade psíquica” é apresentado, por ele mesmo, como operacional, porque essa localização não concerne ao funcionamento do cérebro (não é anatômica), mas designa “lugares” da vida psíquica em que se operam deslocamentos, passagens e alianças, e que só são *lugares* em termos de representação metafórica do sistema. Assim, somente metaforicamente o inconsciente é um “lugar”. Comentando a tópica freudiana, Lacan disse que, ao inconsciente, “o nome de ‘toda parte’ convém tão bem como o de ‘nenhuma parte’” (acrescentando, porém, que “é, entretanto, coisa muito precisa”) (Lacan, 1974, p. 15). Ora, na obra literária lidamos sempre com representações metafóricas, de modo que pensá-las à luz da tópica freudiana é uma operação metafórica redobrada. Na verdade, é pelo fato de lidar sempre com metáforas, que a literatura não precisou esperar a psicanálise para dizer o inconsciente e seu complexo funcionamento.

Além dos citados, há na obra rosiana outros textos em que se revela um saber coincidente com o da tópica freudiana, mas que concernem a relações psíquicas de outro tipo. Enquanto, nos contos já citados, a relação das personagens com “lugares perdidos” poderia ser qualificada de neurótica, os contos a que agora me referirei tratam de relações psicóticas. Em termos vulgares, são histórias de loucos.

Freud distingue a neurose da psicose da seguinte forma: “A neurose seria o resultado de um conflito do ego com o id, e a psicose, a saída análoga de uma perturbação equivalente das relações entre o ego e o mundo exterior” (Freud, 1973, p. 283). Os narradores-personagens de “Nenhum, nenhuma” e de “Lá nas campinas...” manifestam uma perturbação nas relações de seus eus atuais com lembranças recalçadas em seus inconscientes, relações neuróticas, portanto. As personagens dos contos que selecionei para esta exposição manifestam uma perturbação nas relações de seus eus com o mundo exterior, o que caracteriza a psicose.

Os grandes escritores sempre souberam muito a respeito da loucura, e Guimarães Rosa também se mostrou mestre no assunto. São muitos e variados, os loucos de Guimarães Rosa. Limitar-me-ei a três de seus contos: “Sorôco, sua mãe, sua filha”, “A terceira margem do rio” e “Darandina” (todos de **Primeiras histórias** [Rosa, 1962]). No espaço desta exposição, não pretendo analisar esses contos (o que já tem sido feito e bem feito por outros críticos), mas apenas apontar o que eles nos revelam sobre a *tópica da loucura* (a última palavra será doravante colocada entre parênteses, por motivo que logo se verá).

“Sorôco, sua mãe, sua filha” narra a condução, pelo viúvo Sorôco, de sua mãe e sua filha, ao trem que deve levá-las para Barbacena, onde ambas serão internadas num hospício. As ações das personagens principais e coadjuvantes são cuidadosamente *situadas* pelo escritor. Certos pormenores da narração e da descrição, à primeira vista casuais, nos dão importantes informações sociológicas e psicológicas.

Informações sociológicas: todas as circunstâncias de lugar sublinham a exclusão social das “loucas”. As duas mulheres vão “para longe, para sempre”. O hospício é uma prisão; o vagão que deve levá-las tem janelas com grades, “feito as de cadeia, para os presos”. Os “loucos” são tratados como os animais: o vagão está “do lado do curral de embarque dos bois”. O destino dos “loucos” depende dos “não-loucos”: o vagão irá “atrelado ao expresso”.

Tudo se passa segundo a prática comum adotada por nossas sociedades desde o século XVII, estudada por Michel Foucault em **História da loucura na Idade Clássica** (1972): a segregação e o aprisionamento dos loucos, a tentativa de submeter a “loucura” à soberania da “razão”. O internamento também tem uma razão econômica. Ele é uma criação institucional historicamente situada “no momento em que a loucura é percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de se integrar no grupo” (Foucault, 1972, p. 90). Sorôco e sua filha são pobres, e “para o pobre, os lugares são mais longe”.

As informações objetivas acerca do trem são completadas por uma comparação:

O carro lembrava um canoão no seco, navio. A gente olhava: nas reluzências do ar, parecia que ele estava torto, que nas pontas se empinava. O borco bojudo do telhadilho dele alumiaava em preto. Parecia coisa de invento de muita distância, sem piedade nenhuma, e que a gente não pudesse imaginar direito nem se acostumar de ver, e não sendo de ninguém.

A comparação com um navio remete, em nossa cultura, à “Nau dos loucos”, tema corrente nas obras artísticas da Idade Média. O navio representa a exclusão, o distanciamento, a separação. Os que nele vão se tornam socialmente “ninguém”, e ninguém, em particular, quer responsabilizar-se pela extradição: “não sendo de ninguém”.

Com essa comparação, já passamos do plano sociológico ao psicológico. Em virtude da ruptura com o mundo exterior, as “loucas” não são psicologicamente analisáveis. Delas, só temos a perturbadora aparência. Mas são numerosíssimas as indicações, diretas ou indiretas, a respeito das reações psicológicas dos “não loucos”, as pessoas da comunidade que observam o embarque. Estes se mostram primeiramente curiosos, e logo, entristecidos. E principalmente temerosos, não das “loucas”, que são inofensivas, mas da loucura, porque a separação física iminente das “loucas” não resolve uma dificuldade maior: a de separar a “loucura” da sanidade mental.

Como o estabelecimento dos limites entre uma e outra é impossível, os “sãos” tratam de se defender, “porfiando no falar com sensatez”, colocando-se “à sombra das árvores de cedro”, “não querendo afirmar as vistas”. A “loucura” assusta e fascina: a cara da moça “representava de outoras grandezas, impossíveis”. As “loucas” cantam, e o seu canto entristece o povo, como “um constado de enormes diversidades desta vida, que podiam doer na gente, sem jurisprudência de motivo nem *lugar, nenhum*, mas pelo antes, pelo depois” [grifo meu]. O “lugar nenhum” do canto é tanto o lugar extra-social das “loucas”, o lugar psíquico alienado em que elas vivem, quanto um lugar psíquico indefinido nos que o ouvem.

O trem vai embora com as duas mulheres. O povo tenta consolar Sorôco, dizendo que ele “tinha tido muita paciência”, que “era até um alívio”, que “isso não tinha cura”. Racionalizações que não consolam. O viúvo toma o caminho de volta para casa e o povo o acompanha. Sorôco, até então sensato, torna-se esquisito, como se estivesse também partindo:

Ele se sacudiu, de um jeito arrebatado, desacontecido, e virou, pra ir-s’embora. Estava voltando para casa, *como se estivesse indo para longe, fora de conta*. Mas parou. Em tanto que *se esquisitou, parecia que ia perder o de si*, parar de ser. Assim num excesso de espírito, *fora de sentido*. E foi o que não se podia prevenir: *quem ia fazer sizo naquilo?* Num rompido, ele começou a cantar, alteado, forte, mas sozinho para si – e *era a cantiga, mesma, de desatino*, que as duas tinham cantado. Cantava continuando [grifos meus].

Ocorre então uma atitude coletiva aparentemente irracional: “E foi sem combinação, nem ninguém entendia o que fizesse: todos, de uma vez, de dó de Sorôco, principiaram também a acompanhar esse canto *sem razão*” [grifo meu]. Nessa procissão coletiva, a “loucura” (remanescente no canto) readquire algo do caráter sagrado que ela possuía em tempos arcaicos, anteriores à soberania social da razão.

O rito social da separação espacial dos “loucos” é, assim, seguido de um impulso de união psíquica dos “sãos”, que vão em socorro de Sorôco. A palavra “socorro”, quase anagrama de Sorôco, já havia aparecido no texto: “Tiveram de olhar em socorro dele”. O socorro, que fora inicialmente tentado pela via racional, só vem de fato nesse fim do conto: “A gente, com ele, ia até aonde que ia aquela cantiga”. O

“lugar nenhum” revela-se como lugar comum. O lugar físico dos “loucos” e dos “sãos” pode ser determinado, mas o canto “louco” os irmana num “lugar nenhum” que, como sempre, em Guimarães Rosa, parece designar o inconsciente, de onde, felizmente, tanto podem vir os impulsos agressivos, quanto os impulsos amorosos.

No famoso conto “A terceira margem do rio”, já fartamente estudado, ressaltarei apenas a questão do lugar. O pai era “homem cumpridor, ordeiro, positivo” e “quieto”. Falando como os mineiros, diríamos que ele era “sistemático”, adjetivo aplicado aos “loucos” de tipo obsessivo. O pai encomendou uma canoa, despediu-se da família e foi para o meio do rio, onde ficou. O rio real era “largo, de não se poder ver a forma da outra beira”. Não é, porém, para essa “outra beira” (a loucura, a morte, o nada) que o pai se dirige. “Ele tinha ido a *nenhuma parte*. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais” [grifo meu]. Esse lugar nenhum é a “terceira margem”.

Separar-se do mundo, cessar a comunicação com os outros, caracterizaria a psicose. Mais uma vez, a partida num barco remete à arquetípica “Nau dos loucos”. A interpretação da comunidade é variada: “doideira”, promessa ou lepra. A suspeita de lepra nos remete à analogia histórica da exclusão dos loucos com a dos leprosos. O que a sociedade não suporta, é que um de seus membros permaneça em lugar indefinido. Por isso são chamados o padre, os soldados, o jornalista. “Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala”; “não pojava em nenhuma das duas beiras”.

A personagem não rompe totalmente com o mundo dos outros homens, não se define entre a razão e a loucura, e é justamente essa indecisão que faz a força do conto como saber do inconsciente. O ato inexplicável e a visibilidade intermitente do pai são sinais misteriosos dirigidos à família, em particular ao filho, que reage à situação com um crescente sentimento de culpa.

Falando das penas que aquela situação causava, diz o filho: “no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava *para trás* meus pensamentos” [grifo meu]. Parece-me que não há maneira mais sintética e certa para definir o aspecto regressivo e paralisante da neurose, do que essa expressão do escritor. O pai vai-se tornando uma obsessão, e tomando um aspecto monstruoso, um “aspecto de bicho”. Loucura e animalidade é uma associação antiga, estabelecida pelos “sãos”. O filho se angustia cada vez mais: “por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no *não-encontrável?*” [grifo meu].

O tempo passa, o filho vai envelhecendo com sua culpa e sua tristeza: “Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? (...) Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu fôro. Soubesse – se as coisas fossem outras”. O recalcado faz com que as coisas permaneçam tais quais, e o sofrimento aumente: “Ele estava lá, sem a minha tranquilidade”.

Ocorre-lhe, então, “sem fazer véspera”, uma idéia que parece pôr em dúvida sua própria sanidade mental: “Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra *doido* não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos”. A idéia de tomar o lugar do pai, aparentemente doida, é inexplicavelmente a mais “certa”: “eu estava muito no meu sentimento”; “meu coração bateu no compasso do mais certo”. Mas a proposta é seguida de fuga, a qual é caracterizada como mais insana do que a proposta: “Por favor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num *procedimento desatinado*”. Porquanto que ele me pareceu vir da parte de além” [grifo meu]. O desenlace do conto é o desejo final expresso pelo filho de, “no artigo de morte”, ser posto também numa canoa e lançado àquele lugar nenhum, “de longas beiras”, exterior e interior (“rio a fora, rio a dentro”).

Não é apenas o saber psicanalítico acerca da relação pai e filho, lei e castração, culpa e sofrimento, que nos maravilha nesse conto. Analisado à luz da teoria de Freud, o conto é desvendável, mas um desvendamento desse tipo o tornaria um caso clínico banal. O que nos maravilha são as formulações desse saber, num discurso que não é teórico, nem expletivo, mas cifrado de tal maneira que ele atinge o inconsciente dos leitores como uma verdade, um pavor e um sofrimento de todos.

“Darandina” é um conto de natureza diversa, mais espreado, com menor densidade significativa, vazado numa linguagem menos complexa. Apresenta-se como a narração linear de um *fait divers* humorístico, cuja significação pode ser apreendida e saboreada racionalmente. É o relato de um episódio protagonizado por um senhor aparentemente normal, bem vestido e bem posto, que, de repente, sobe no alto de uma palmeira da praça. De lá, ele discursa, ameaçando jogar-se, o que provoca um rebuliço na multidão observadora. Pelo fato de ser, também, uma história de “loucura”, esse conto apresenta, como os anteriores, indicações de “lugares” psíquicos relacionados com os “lugares” sociais, relações estas que o protagonista, em seu surto psicótico, desconhece e ameaça.

O topo da palmeira em que ele se “encarapita” é ironicamente designado como “o páramo empíreo”, enquanto os observadores “urbanos” ficam “detidos, aqui em nível térreo, ante a infinita palmeira – muralhavaz”. O cimo de uma árvore é um lugar ao mesmo tempo perigoso e maravilhoso. O desprezo pelo perigo, próprio dos loucos, estarrece e causa admiração. É um “portentoso fato” que, segundo o narrador, pertence ao “mundo dos mitos”, e que, segundo os observadores urbanos, “tem arte”. Essa representação aérea do louco tem uma tradição em nossa cultura, desde o mastro da “Nau dos loucos” até a personagem de Fellini que, em *Amarcord*, sobe na árvore para gritar seu desejo insano. Subir a um topo é cortar relações com o mundo chamado de “real”.

A fim de restabelecer a ordem social, todos os esforços são feitos para fazer

o louco descer da palmeira. Antes de subir, o homem apresentara-se ao hospício, e o interno de plantão o descreve: “Aspecto e *facies* nada anormais, mesmo a forma e o conteúdo da elocução a princípio denotando fundo mental razoável”. O interno relata:

Disse que era são, mas que, vendo a humanidade já enlouquecida, e em véspera de mais tresloucar-se, inventara a decisão de se internar, voluntário: assim, quando a coisa se varresse de infernal a pior, estaria já garantido ali, com lugar, tratamento e defesa, que, à maioria, cá fora, viriam a fazer falta.

As semelhanças com o conto “O alienista”, de Machado de Assis, são evidentes. Ao longo de todo o texto, as atitudes e palavras do homem estabelecem uma perigosa dúvida entre a loucura e a sanidade gerais. Era “como se tivesse ele instilado veneno nos reservatórios da cidade”. Os alienistas “exaram” diagnósticos destinados a manter as fronteiras entre a doença e a saúde mentais. O discurso sobre a “loucura” é um recurso racional através do qual se tenta dominá-la. Entretanto, como mostra Guimarães Rosa, esse dialeto científico não tem, para o senso comum, nenhum sentido: “Excitação maníaca, estado demencial... mania aguda, delirante”, “psicose paranóide hebefrênica”, “síndrome exofrênico de Bleuler”.

Os diagnósticos são amenizados quando se identifica (erroneamente) o indigitado com o Secretário das Finanças Públicas, comprovando a aliança entre os alienistas e os poderes institucionais, com o objetivo comum de manter a ordem. Enquanto isso, o homem em cima da palmeira enuncia coisas como: “Viver é impossível!”, “O amor é uma estupefação...”. Enunciados que calam fundo nos ouvidos dos “sãos”: “E era um revelar em favor de todos, instruía-nos de verdadeira verdade. A nós-substantes seres sub-aéreos – de cujo meio ele a si mesmo se raptara”.

“A loucura fascina – diz Foucault – porque ela é saber”, um “saber difícil, fechado, esotérico”. “Esse saber, tão inacessível e tão temível, o louco, em sua tolice inocente, o possui” (Foucault, 1972, p. 32). O saber aninhado na “loucura” é algo a que os poetas sempre foram mais sensíveis do que aqueles que a encaram clinicamente, isto é, socialmente. No primeiro prefácio de *Tutaméia*, diz Guimarães Rosa: “o não-senso, crê-se, reflete por um triz a coerência do mistério geral, que nos envolve e cria”. É esse não-senso que a obra poética “reflete por um triz”.

O conto é longo e muito mais se pode dizer (e tem sido dito) dele. Minha visada sendo a da tópica psíquica, interessa-me apenas sublinhar, no texto, o contraste entre alto e baixo, dentro e fora, delírio e veridicção, loucura e sanidade, que Guimarães Rosa mostra como intercambiáveis. Quando, subitamente, o protagonista da estória recupera a razão, é tomado de medo: medo de cair e medo da multidão. Evidenciando a perfeita reversibilidade dos conceitos, é a razão que não oferece nenhuma segurança, e os “sãos” que representam uma ameaça:

Desprojetava-se, coitado, e tentava agarrar-se, inapto, à Razão Absoluta? Adivinhava isso o desvairar da multidão espantosa, enlouquecida. Contra ele, que, de algum modo, de alguma maravilhosa continuação, de repente nos frustrava. Portanto, *em baixo, alto* bramiam. Feros, ferozes. Ele estava são. Vesânicos, queriam linchá-lo [grifo meu].

A conclusão da estória fica por conta de um alienista, que vê suas certezas abaladas: “A vida é constante, progressivo desconhecimento... – definiu o dr. Bilôlo, sério, entendendo que, pela primeira vez. Pondo o chapéu, elegantemente, já que de nada se sentia seguro. A vida era à hora”. A psicanálise suprimiu a internação, mas o médico, segundo Foucault, substituiu-a como poder alienante. Por isso, como a psiquiatria, ela não pode “ouvir as vozes da desrazão”, que só se manifestam plenamente nas obras literárias (Foucault, 1972, p. 530). Se os “loucos” servem para demonstrar as incertezas do senso comum, os poetas servem para abalar as certezas da ciência e para ampliar o saber do inconsciente. Graças a eles, temos notícias de verdades que estão para além da razão, em alguma terrível ou maravilhosa continuação. Graças a eles, “entendemos que”.

ABSTRACT

Our previous study concerning the place of the unconscious in Guimarães Rosa’s texts focuses on places that do not belong to geography or to some supernatural world, places that do not exist in the pure imagination or in the conscious memory of the characters. Those places have many features similar to the “nowhere” of Freudian unconscious. The characters of “Nenhum, nenhuma” and “Lá, nas campinas” display a neurotic disturbance in the relations of their present Egos with obsessive recollections of places remembered, that is to say, a conflict between the Ego and the Id. This article studies other texts, in which the relationship is psychotic, that is to say, it reflects a conflict between the Ego and the external world (“Soroco, sua mãe, sua filha”, “A terceira margem do rio”, “Darandina”). As other great writers, Guimarães Rosa shows us that the frontier between reason and madness is a social determination, and that madness, as well as poetry, is another kind of knowledge.

Keywords: Places of memory; Neuroses; Society; Psychoses.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *Histoire de la folie à l’âge classique*. Paris: Gallimard, 1972.

FREUD, Sigmund. *Névrose et psychose* (1924). In: _____. *Névrose, psychose et perversion*. Paris: PUF, 1973.

LACAN, Jacques. *Télévision*. Paris: Seuil, 1974.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962.